

UMA AVALIAÇÃO DIFERENCIADA COMO RECURSO COMPLEMENTAR PARA A APRENDIZAGEM EM LÍNGUA PORTUGUESA: DA SALA DE AULA PARA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA.

Luciano Aparecido Féboli; Rosely Noriko Nakao; Geraldo Niza da Silva; Ophelia Amélia Simões Gielfi; Cezar Antonio da Silva Paulucci; Mario Susumo Haga; Kuniko Iwamoto Haga.

EE Antonio Marin Cruz – Marinópolis – SP

1 - INTRODUÇÃO

Alguns anos de docência vão amadurecendo na mente do professor o tipo de avaliação que pratica e para que serve a avaliação no ensino de sua disciplina. Será que decorrer de minha prática, com estudos feitos desde os tempos acadêmicos até os próprios de uma formação continuada são realmente aplicados com justiça e aplicabilidade no que se diz respeito à avaliação?

Em um determinado momento da carreira senti que estava apenas dando nota, ou seja, medindo, relacionando com quantidade. Muitas vezes, essa relação era apenas para aprovar ou reprovar, sem qualquer conotação com aprendizagem. O grande erro desta situação é que o professor, ao pensar que está, ajudando o aluno, está, na verdade, negligenciando o que a escola tem de real dever que é ensinar. Retira-se da avaliação o papel de parte do processo ensino-aprendizagem para torná-la o fim, o encerramento, como se depois que avaliou não se pudesse mais tocar no assunto, mesmo sem ocorrer à aprendizagem.

Foram os estudos realizados em parceria com a UNESP e com a supervisão do Professor Doutor Mário Haga, juntamente com outros cursos oferecidos pela Secretaria Estadual da Educação que me fizeram reconhecer que não existe aprendizagem sem que existam os dois sujeitos; um que ensina e um que aprende. O Professor Mário me fez perceber que avaliação é um processo contínuo, permanente e caracteriza detalhadamente o meu trabalho docente e não somente a capacidade do aluno.

A proposta de uma avaliação diferenciada partia do princípio da “Avaliação Formativa” segundo Philippe Perrenoud, que coloca a avaliação a serviço da regulamentação dos processos de aprendizagem, à disposição dos trabalhos com competências e habilidades, no desenvolvimento da metacognição e deixa de ser apenas instrumento de medição, aferição de quantidade.

Até então as minhas aulas e respectivas avaliações de Língua Portuguesa eram seguindo modelos tradicionais. Ou seja, apresentava um conteúdo e estudava com leituras, textos, exercícios, até esgotar as possibilidades. Depois o professor explicava a todos e sanava as dúvidas que os próprios textos deixavam. Para “finalizar o processo”, aplicava uma prova que recolhia, corrigia e devolvia aos alunos, corrigindo apenas superficialmente sem adentrar novamente o conteúdo ou questionar se ocorreu ou não aprendizagem total ou parcial. Com este documento em mãos, que chamava de avaliação, atribuía uma “nota” e decidia toda vida escolar do

aluno e sua progressão nos estudos.

O momento que conhecemos o modelo de avaliação diferenciada proposto pelo Professor Mário foi de grande importância para reflexão e principalmente percepção de que a avaliação que praticava não refletia a realidade de minhas aulas. Era preciso aprofundar nos estudos sobre o assunto e também oferecer algo melhor aos meus alunos para que a avaliação não findasse como um ponto final, mas sim funcionasse como um ponto de partida para aprendizagem, uma verdadeira análise qualitativa dos resultados e oferecesse a oportunidade de buscar o que lhe faltava ou ficou sem aprender.

Percebi que avaliar era um processo muito mais complexo do que eu pensava e do que eu fazia e que deveria começar antes de minhas próprias aulas, durante o planejamento das mesmas, pensando em estratégias e objetivos do meu trabalho, visando à verdadeira aprendizagem e não apenas pensando em “dar nota”.

Durante as aulas de Língua Portuguesa eu corrigia as atividades todos os dias e considerava que dar uma nota para quem fizesse todas as atividades era uma forma de manter todos “trabalhando” e assim estavam aprendendo. Porém, eu não contava com aqueles que apenas copiavam, não assimilavam nada e estavam com ótimas notas, mas sem aprender quase nada. Estava considerando “esforço”, “dedicação”, “assiduidade” e me esquecendo do item mais importante da escola e da avaliação, a aprendizagem.

Os estudos detectaram todos os problemas comuns em um sistema de avaliação tradicional e as minhas não fugiam a regra. Aplicava meras provas, com extensos questionários pouco significativos para os alunos, que não tinham função pedagógica, já que serviam apenas para atribuir nota ou medir o quanto de conteúdo tinha adquirido e não trabalhava a continuidade de um processo de ensino-aprendizagem.

O desafio estava justamente na mudança: o que fazer de agora em diante? Como mudar este quadro de avaliação? Como tornar a avaliação um processo e não um fim? Como por em prática tudo o que estudávamos com renomados autores?

Foi nesta via que veio o Projeto de Avaliação Diferenciada. O discurso do professor idealizador do projeto parecia muito simples e que não mudaria muito o que fazíamos. As impressões só foram se desfazendo depois que começamos a realmente entender o que era preciso para funcionar e de que ponto partia, pois no início, entendia que teria que mudar apenas o tipo de “provas” que aplicava. Depois comecei a entender que a maior mudança estava na prática e se fazia necessário, pois a reflexão me fez infeliz com as aulas e as avaliações que praticava.

2 – Metodologia

A prática de avaliação foi apresentada em uma reunião de HTPC, na qual estiveram presentes todos os professores da EE Antonio Marin Cruz, a qual já tinha sido estudada, previamente, pela Diretora da UE. Tratava-se de uma avaliação que não se encerrasse com a apresentação da média do bimestre, mas se estendesse e tivesse continuidade em benefício da aprendizagem.

continuidade da aprendizagem era o desafio lançado pelo projeto e pelos estudos que estávamos fazendo, que contrapunham ao tipo de avaliação praticada até agora. Era preciso organizar uma avaliação contextualizada e interdisciplinar, que atendesse as necessidades dos alunos e fizesse com que entendessem o para que de tais atividades, compreendessem seu sentido, interassem do projeto assim como os professores, pois não poderiam participar aleatoriamente sem compreender o verdadeiro sentido e o objetivo de tais ações.

Para entender o projeto foram organizadas várias reuniões, primeiramente com professores, para que entendessem, opinassem e decidissem pela adesão ou não ao projeto. Todo este processo nos inseriu na realidade do que se pretendia e esclareceu algumas dúvidas que ainda pairassem no sentido de objetivos e finalidades. O grupo da escola foi unânime e decidiu logo na primeira reunião que participaria do projeto com uma sala de 1ª. série do ensino médio diurno, por ser uma série com maior disponibilidade de tempo, aulas mais longas e horário contrário para estudos. O segundo momento foi de proposição aos alunos e pais, pois era necessária autorização de ambos para utilização das provas e dos trabalhos para futura divulgação do projeto. Percebemos que os pais se sentiam orgulhosos com a possibilidade se seus filhos participarem de um projeto em parceria de uma escola pública e uma tão renomada universidade.

Depois de definido todos os entraves legais para aplicação do projeto, agora era o momento de definir como seriam as avaliações bimestrais, os verdadeiros objetos de estudos da equipe do Professor Mário Haga, que contava com a co-autoria da Professora Kuniko Iwamoto Haga e também da aluna estagiária Aline de Souza Caetano.

As provas agora deveriam ser formadas a partir de um banco de questões que o professor ia alimentando no decorrer do bimestre, ou seja, conforme a classe ia estudando o professor já prepara as questões e vai armazenando em uma mídia, sempre pensando em ter questões para formar várias avaliações no momento de aplicação das provas.

As avaliações agora passaram a ter dois momentos distintos dentro da classe, a Aplicação e a Reaplicação. A Aplicação é feita seguindo a divisão das questões que abrangem todo o conteúdo do bimestre dividido entre o grupo, mas cada aluno realiza a sua avaliação individualmente. O grupo apenas se reúne após a aplicação, quando a escola faz uma cópia da prova dos alunos ainda sem corrigir e entrega para que o grupo estude e chegue à resposta das questões. É um momento muito rico e interessante, percebemos uma troca de informações constante, um momento de solidariedade, onde o grupo se une para chegar à resposta correta, preocupados com a segunda chance, com a Reaplicação. Em alguns casos, o professor pode ser solicitado para tirar algumas dúvidas, já que a prova é toda discursiva e o aluno realmente precisa argumentar, pode haver alguma divergência.

As provas foram divididas por letras, portanto o grupo fazia da prova A a Prova E na aplicação que tem peso de 0,6 na sua nota bimestral. Uma outra mudança também aconteceu neste sentido, pois senti necessidade de considerar apenas as notas de aplicação e reaplicação para formar seu conceito bimestral, então tive que desprezar outras notas que atribuíam no

decorrer do bimestre, como trabalhos, tarefas e outros exercícios. Estes, agora, ganharam sentidos como conteúdo da avaliação e não como atividades avaliatórias.

A segunda parte do processo é a Reaplicação. O grupo, através de seu coordenador, teve posse das provas por uma semana. Neste tempo, resolveram exercícios, pesquisaram, procuraram sanar dificuldades para na Reaplicação mostrar que progrediram em relação ao primeiro momento. Vale lembrar que ele não vai fazer a mesma prova que fez na Aplicação, mas sim uma entre as cinco (A, B, C, D ou E) que o grupo estudou entre o primeiro e o segundo momento (Aplicação e Reaplicação). A nota da Reaplicação tem peso de 0, 4, pois se torna mais fácil, pois o aluno já sabe que entre as cinco ele vai fazer uma, já conhece quais questões devem ser respondidas.

Uma curiosidade do projeto em certo momento do ano que nós professores percebemos que na Reaplicação deveríamos nomear as provas para que não escolhessem qual letra de prova os alunos iriam fazer, pois percebemos que alguns coordenadores de grupo, ao distribuir a Reaplicação, já tinham em mente qual aluno iria pegar a prova da letra certa e estudavam apenas aquela letra. Foi um sinal que os alunos dão um jeito pra tudo e se a escola não se preparar eles nos driblam e acabam simplificando.

Por outro lado tudo foi muito satisfatório quando encontramos pela escola outros alunos estudando, ajudando aqueles que têm mais dificuldade e sentimos que a avaliação deixou de ser apenas verificação e se tornou um elemento essencial da aprendizagem.

A maior dificuldade que senti foi na elaboração das questões para o banco, pois como o estilo exige uma mudança na prática em sala de aula, atuando com antecipação no que vai ser exigido e muitas vezes deixava para preparar nas vésperas da prova. Depois percebi que o banco de questões deve ser alimentado com antecedência, no cotidiano, de acordo com o andamento das aulas. Só assim aconteceria a contextualização e não desvincularia a questão da prova do momento da aprendizagem e do que era significativo para o aluno, relacionando o conteúdo com o que realmente interessa para sua vida.

Também houve um aumento na responsabilidade dos alunos, que mesmo sem ter grandes notas na Aplicação, estudavam, pediam ajuda dos colegas e até dos professores, para conseguir melhorar na Reaplicação. Obtivemos um gosto de superação e o sentimento de solidariedade fez muito bem ao grupo, que agora estudava mais e me instigava para este grupo continuasse estudando mesmo quando não tivesse prova. Cabia ao professor propor tarefas, atividades, exercícios constantes para que continuassem estudando, pesquisando, buscando conhecimentos. O professor, assim se torna o mediador entre conhecimento e aprendizagem em um mundo globalizado, rodeado de tantas informações, mas que precisa de sistematização, de abstração cognitiva para que se torne aprendizagem e tenha significado para o aluno.

Convém destacar que os propositores desta avaliação diferenciada sempre deixaram claros os objetivos do projeto, nos instruindo para que a participação tivesse sentido e não fosse por imposição de alguém ou uma moda passageira dentro da escola. Também os pais e os alunos foram “convidados a participar”, sendo sempre informados de todas as intenções do

projeto, suas fases e que os objetos de estudo, suas avaliações, seriam amplamente estudados e detalhados para a melhoria da qualidade de ensino na escola.

O primeiro ano que trabalhei com o projeto foi em 2007 e tínhamos na EE. Antonio Marin Cruz apenas uma classe participante. Era um primeiro ano de Ensino Médio, diurno, na qual eu lecionava Língua Portuguesa. Alguns ajustes foram feitos durante o ano, aprendemos a organizar o calendário, evitar que os alunos estudassem apenas uma das provas para a reavaliação, contextualizar melhor as questões, dividir melhor as questões entre as provas e até promover meios para que o estudo realmente acontecesse. Em relação a minha disciplina, o maior crescimento foi na organização da avaliação, que agora contava com questões melhor elaboradas, mais contextualizadas e distribuídas uniformemente entre as provas, levando os alunos a pensar realmente, sempre incluindo uma produção de texto, que em Língua Portuguesa é essencial, engloba todas as habilidades de leitura e escrita que o gênero estudado requer.

Para o próximo ano contava com experiência e esperava me programar melhor para continuidade do projeto, que agora seria formado por duas séries: a continuidade da primeira classe, que agora era uma segunda série do Ensino Médio e começar novamente com outro primeiro ano do Ensino Médio, que também era do período diurno.

O segundo ano do Ensino Médio, que agora funcionava no período noturno recebeu alunos de outra classe e notamos dificuldades em manter o mesmo nível de estudos com aqueles alunos que trabalhavam durante o dia e quase não tinham tempo para encontrar os colegas de grupo para estudar. Mais uma vez a escola precisou encontrar alternativas para que alguns grupos não fossem prejudicados e que também tivessem a chance de estudar, oferecendo alguns minutos durante o período para que tirassem suas dúvidas com os colegas e com os professores da classe.

O segundo ano do projeto (2008) coincidiu com algumas mudanças no Estado de São Paulo promovidas pela Secretaria Estadual da Educação. Começamos o ano com 45 dias de recuperação, com um material diferenciado, chamado “Jornal do Aluno” e “Revista do Professor” que era acompanhado de várias ações da Secretaria no sentido de melhorar a aprendizagem. Logo após esta recuperação a escola recebeu uma Nova Proposta Curricular baseada em princípios orientadores para uma escola capaz de promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo.

As mudanças na rede de ensino agora eram certas e não tínhamos como fugir. Recebemos Cadernos do Professor para cada disciplina e para cada bimestre. Cada caderno possuía bem explicado e dividido as Situações de Aprendizagem com objetivos, conteúdos a ser trabalhados, e quais competências e habilidades os alunos deveriam ter adquiridos ao final do processo. Dizíamos que as aulas estavam praticamente montadas e que tínhamos que estudar muito as propostas de cada disciplina, que eram acompanhadas de vídeos, orientações e uma nova função do professor coordenador da escola, que agora era o principal responsável pela implementação deste currículo.

E fui justamente após o período de recuperação que também deixei a

sala de aula para assumir a coordenação pedagógica da escola. O projeto de avaliação diferenciada agora começava a ganhar uma nova visão, deixando apenas os olhos da Língua Portuguesa para enxergar com todas as disciplinas.

3 – Resultados

UMA OUTRA VISAO DO MESMO PROJETO

Em 2008 a Secretaria Estadual da Educação de São Paulo implantou uma nova Proposta Curricular e o professor coordenador passou a ser peça fundamental para que o Estado atingisse algumas metas de melhoria de aprendizagem. O professor coordenador agora, além de estar presente no dia a dia escolar, fica responsável pela formação continuada dos professores e pela completa implementação do currículo.

Como professor coordenador iniciante, percebi algumas dificuldades que antes não via em minhas aulas. Professores com mais dificuldades em formular questões discursivas, como acontecia em matemática, química e física por exemplo, ou mesmo uma grande incapacidade de contextualização enfrentada pela professora de Língua Estrangeira Moderna – Inglês, que acabava fazendo provas pouco significativas e com baixo exercício mental para realiza-las, não exigindo estudos para uma reaplicação.

Por outro lado, percebi alguns professores crescendo muito e através do projeto de avaliação diferenciada, conseguiram melhorar suas aulas criando o hábito da prática reflexiva, pois a medida que aplicavam e reaplicavam suas avaliações, o processo não terminava e estavam em constante análise dos resultados e dos pontos mais importantes onde mereciam atenção.

Um outro fator curioso foi quando em classes que não participavam do projeto se sentiu a necessidade de reaplicar algumas avaliações ou mesmo simulados de avaliações externas, com SARESP, para que o aluno tivesse a chance de refletir seus erros e acertos, confrontar em grupos suas respostas, acabando assim, com a estigma de avaliação como final de um processo, mas como um dos mecanismos de aprendizagem, algo que o professor pode utilizar para ensinar, sanar dúvidas, fazer recuperação de conteúdo, enfim, promover aprendizagem.

Durante este ano como coordenador pedagógico, passei por alguns entraves na execução do projeto, pois eu que marcava as avaliações, conferia algumas antes de aplicar e reaplicar, e até organizava as mesmas para alguns professores, o que toma algum tempo e exige conhecimento em todas as disciplinas. Todavia, foi no decorrer do ano que consegui organizar melhor o calendário, pensando em aplicações e reaplicações, sem sobrecarregar alunos, professores e gestores. Consegui fazer a capacitação dos professores que não participaram do primeiro ano do projeto e fazer realmente se inserissem no processo, conscientes dos objetivos e felizes pelos ganhos que a escola tem com um trabalho de importante nível e com tão renomada universidade.

Para finalizar, quero salientar que desde a implantação do projeto até o dia de hoje, ganhamos muito com os estudos. Estudos realizados por mim,

para estar sempre preparado para avaliar e preparar meus professores para o verdadeiro sentido da avaliação diferenciada. E o mais importante que considero, é ver a escola cheia de alunos estudando, com grupos formados espontaneamente, uns ajudando aos outros, havendo discussões, socorrendo aqueles que têm mais dificuldades e fazendo da avaliação uma aula de solidariedade, que prepara o aluno para a vida, com ética, cidadania e dedicação.

Agradecimentos: Prefeitura Municipal de Marinópolis, pelo apoio de material e serviços; FE-UNESP, Campus de Ilha Solteira, pela parceria no desenvolvimento do projeto.